

# humanitas

Vol. IV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOL. IV (NOVA SÉRIE, VOL. I)



COIMBRA  
MCMLII

Victor Ehrenberg — «**The People of Aristophanes. A Sociology of Old Attic Comedy**». Basil Blackwell, Oxford, 1951. xx+418 páginas.

A primeira edição deste livro foi publicada em 1942. Menos de dois anos depois, encontrava-se esgotada, e só as condições precárias do após-guerra impediram que a obra fosse reimpressa antes de 1951.

*Habent sua fata libelli* — como disse o gramático Terenciano Mauro — e o prefácio da primeira edição, agora mantido na segunda, dá-nos a história das vicissitudes por que passou o texto manuscrito e o seu autor, desde os dias calamitosos do principio de 1939, em que o então professor da Universidade de Praga teve de abandonar a Checoslováquia para buscar abrigo, como tantos outros mestres ilustres, na placidez insular da Grã-Bretanha. Ai, o actual professor da Universidade de Londres, beneficiou da inteligente e hospitaleira colaboração dos seus amigos britânicos que o ajudaram a traduzir o livro para inglês e puseram ao seu dispor valioso auxílio de toda a ordem, em observações ao texto manuscrito, notas, informações, sugestões, etc.. Vale a pena ler os dois Prefácios para avaliar o ambiente de colaboração intelectual em que se trabalha lá fora, mormente em Inglaterra. Que bela lição para o individualismo feroz que, com poucas e honrosas excepções, caracteriza a actividade solitária e ciosa de tantos dos nossos investigadores e estudiosos!

A segunda edição representa, em grande parte, uma reelaboração da obra tal como ela viu a luz da publicidade, pela primeira vez. O autor confessa de bom grado, e sem qualquer constrangimento, ter ganho muito com as observações dos amigos e dos críticos — aliás, as recensões à primeira edição foram muito favoráveis — e cita aqueles que se deram ao trabalho de lhe enviar maior número de sugestões. A nova edição apresenta muitos melhoramentos em pormenor, que seria longo enumerar, mas dois de carácter geral merecem referência: no que toca aos elementos de investigação, o texto de Eurípides foi chamado a dar um contributo maior; no que se refere ao aspecto material do livro, o Prof. Victor Ehrenberg acabou por adoptar o sistema das notas ao fundo da página (as da primeira edição vinham no fim do livro) como ainda o mais eficaz e mais cómodo.

*The People of Aristophanes. A Sociology of Old Attic Comedy* é um estudo sociológico do século v a. Cristo, baseado nas informações que as comédias de Aristófanes facultam. Além das peças aristofânicas, são aproveitados os *Fragmenta Comitorum Atticorum* (Kock; e Kaibel, Demianczuk, Page), Eurípides (nesta segunda edição), as Inscrições, e certos textos em prosa (Andócides, Antifonte, Isocrates, Lisias, Tucídides, Xenofonte e Pseudo-Xenofonte) que contêm informação de ordem histórica, económica e sociológica. Também os escólios são devidamente utilizados.

Um trabalho desta envergadura só foi possível, porque o Prof. Victor Ehrenbèrg, mestre universitário de História Antiga, é um grande helenista, perfeitamente versado em questões miúdas de semântica e de crítica textual das obras dos poetas da Antiga Comédia Ática.

Todavia, seguindo a mais típica orientação inglesa, o livro, sendo embora trabalho de sólida investigação, nem por isso deixa de interessar ao leitor que não saiba grego. Com efeito, os caracteres helénicos foram proscritos do texto e apenas se encontram em notas, todas as citações foram traduzidas, e o livro foi concebido para leitura de todos aqueles, seja qual fôr a sua formação especializada, que tenham de ocupar-se do século v a. Cristo.

Sobre os pressupostos do *The People of Aristophanes* é conveniente esclarecer, como faz Ehrenberg na Introdução, que a designação *people* do título do livro não se refere aos «caracteres que desempenham os entrecchos das comédias, mas ao povo de Atenas». E que para o autor, a sociologia é «um ramo da investigação histórica, e não da filosofia sistemática». Por outro lado, no capítulo inicial, Ehrenberg esforça-se por demonstrar que «com todas as suas mudanças, a idade da Comédia Antiga foi una, e que nem a história política, nem a evolução da literatura, arte e pensamento nos impedem de aceitar essa unidade» (pg. 18). E prova facilmente que «a obra poética no tempo de Menandro, embora certamente representasse o espírito da época, tinha deixado de ser uma expressão de vida pública. Na medida em que a vida privada nela se nos apresenta, é um erro crasso de interpretação olhar os problemas e os acontecimentos que se desenrolam no palco como qualquer coisa que interessava na vida real. A vida, na Comédia Nova, embora imitasse a vida, estava separada da realidade» (pg. 42). E o Prof. Victor Ehrenberg, sem ocultar o fantástico e o irreal que, na comédia aristofânica, muitas vezes envolvem os homens e as situações, afirma com segurança: «Na Comédia Antiga, apesar das suas convenções burlescas e grosseira caricatura, pulsa o espírito da idade em que foi escrita, e ao mesmo tempo inspiram-na os problemas dessa Atenas que viveu a Guerra do Peloponeso e as suas consequências. Por detrás de tipo e convenção encontram-se não só o génio do poeta cuja obra fascina a humanidade, mas também uma época e um lugar como não voltaram a ver-se outros iguais» (pg. 42).

Os títulos dos capítulos são: i — Old Comedy (1. The Unity of Comedy. 2. The Poet and his Audience. 3. Reality in Comedy), ii — The Comedies, iii — The Farmers, iv — The Upper Classes, v — Traders and Craftsmen, vi — Citizens and Foreigners, vii — The Slaves, viii — Family and Neighbours, ix — Money and Property (com 3 subdivisões), x — Religion and Education (com 3 subdivisões), xi — War and Peace, xii — Economics and the State (com 2 subdivisões), xiii — Conclusion. No final vêm uma Chronological Table dos poetas da Comédia Antiga, e das suas obras; um General Index; um Index of Passages, de páginas 385 a 417, exhaustivamente elaborado, com indicação especial dos passos discutidos no livro.

Todos os capítulos são igualmente valiosos, e a cada momento o leitor que conheça alguma coisa da literatura do século v a. Cristo, fica surpreendido ao deparar com aspectos novos e insuspeitados de questões que julgava conhecer. É um livro que, não obstante a sólida estrutura da sua construção, se lê com um agrado e um interesse crescentes, de capítulo para capítulo, mesmo quando a matéria discutida, como no cap. ix, ou no cap. xn, é mais predominantemente do domínio da ciência económica. Através das páginas de Victor Ehrenberg há janelas abertas sobre aspectos sociais da literatura grega em que, ou se não repara habitualmente, ou se não vê claro, quando se repara.

A quem lê os textos dos autores gregos, com os olhos postos no mundo que eles revelam, e nas condições sociais, políticas e económicas desse mundo, bem como no conjunto de ideias que os atenienses criaram e nos transmitiram como património da nossa civilização, certos aspectos escabrosos de vida dos antigos são frequentemente motivo de reflexão: a escravatura (que afinal, segundo Ehrenberg, tinha na Atenas do século v uma importância económica relativamente secundária), a pederastia (que os textos literários documentam não raro, e era então, segundo o Autor, vício da alta sociedade), e a prostituição — corolário inevitável da escravatura feminina. As grandes questões sociais, como as acabadas de mencionar, e muita outra informação avulsa de pormenor sobre matérias variadíssimas (e. g., o sentido exacto de *καλός κάγαθός*, a distinção entre *κάπηλος* e *έμπορος*, a descrição do jogo do *κότταβος*, etc.), tudo é referido com lucidez. Também a velha crença na misoginia de Eurípides é refutada, e o dramaturgo aparece-nos como «campião da emancipação feminina» (pg. 202).

Todavia o A., sempre seguro nas suas afirmações, tem a consciência exacta das dificuldades da moderna investigação no estado actual dos conhecimentos de Filologia Clássica, e das limitações delas decorrentes. Quando sente dúvidas, ou não sabe, confessa-o sem rodeios: «Phryn. 3. This fragment is very obscure indeed [...]» (pg. 101, n. 3); «I wonder whether the *ψανλονργοί* were slaves in a workshop, or unsatisfactory free artisans» (pg. 129, n. 2); «[...] But the real meaning behind

## VI

the words cannot be determined, and I am not sure what the ζένοι αὐτοῦ really are» (pg. 153, n. 7); «F. 112 f, Eupolis 40 P, 25. I confess, however, that I do not fully understand either the Greek or Page's translation of the latter passage» (pg. 179, n. 5). E o número de exemplos podia ser multiplicado.

Tal maneira de proceder é do mais alto valor científico e pedagógico. Um livro assim elaborado, com uma delimitação tão perfeita entre o conjectural e o certo, proporciona excelente ponto de partida para numerosos estudos de pormenor. Foi uma nota de Ehrenberg, a correspondente na 1.<sup>a</sup> ed. à n. 6 da página 130, que provocou o pequeno estudo (1) que publiquei em *Emerita*, vol. xviii, fasc. 1.º (Madrid, 1950), pgs. 35-45 : «It is unintelligible why in Pherekr. 64 the women boast that nobody had seen a μαγείραινα or ἰθυνοπόλαινα. As to the latter, the irony seems obvious ; women fishmongers certainly existed. We may also believe that housewives and slave-girls not only cooked (there is no question about that), but also sometimes killed at least poultry (cf. Pherekr. 22)». Aí demonstrei que μαγείραινα e ἰθυνοπόλαινα eram, muito provavelmente, femininos cómicos, criados por Ferécates. O Prof. Ehrenberg, agradecendo a separata que lhe enviei, surpreendeu-se de ter sido capaz de ler o artigo quase palavra por palavra, e considerou a dificuldade resolvida (2).

Acrescentarei agora duas ou três observações sobre questões de pormenor: A propósito da solidariedade entre escravos expressa por σύνδουλοι e ὀμόδουλοι (cf. pg. 170 n. 2), e também dos maus tratos recebidos pelos escravos (cf. κληρομάστιζ na pg. 187 η. 3), valeria a pena mencionar a «confraria» do chicote a que se refere *Ran.* 756 com o termo cómico ομομαστιγίας.

A tradução de βομολόχοι por «...altar-beggars' who had to beg for the sacrifices» não me parece corresponder à explicação de Ferécates 141, ἴνα μη προς τοισι βομοῖς πανταχοῦ / ἀεὶ λοχόντες βομολόχοι καλούμεθα (3). Quer-me parecer

(1) «A questão do *Género Gramatical* em Grego, e um fragmento cfe Ferécates».

(2) Parece-me conveniente transcrever as palavras do Prof. Ehrenberg:

London, 15/2/51

«Dear colleague,

Thank you very much for your article which to my surprise I could read almost word for word. I am very glad you cleared up that mysterious fragment, and I only regret that I could not make use of your paper for my second edition (a much corrected and enlarged version) which I expect to come out any day now. It was kind of you to refer to my book in your dedication the way you did.

Yours sincerely

Victor Ehrenberg».

(3) Theodoros Kock, *Fragmenta Comiorum Atticorum*, 1, pg. 186.

que os *βωμολόχοι* não pediam para o sacrifício, mas «estavam sempre de emboscada aos altares», naturalmente para surripiar a carne dos sacrifícios. Aliás, a palavra foi provavelmente uma designação genérica, aplicável a um grande número de indivíduos incómodos, e caracterizou, por assim dizer, um tipo cómico (1).

Na página 293, a redacção é ambígua: «Pheidippides... turns some words of the selfish Pheres, the father of Alkestis,...». Feres não é o pai de Alceste, mas é, com efeito, o pai egoísta que aparece na tragédia *Alceste*. A ambiguidade resolve-se colocando em itálico, como geralmente faz Ehrenberg, a palavra *Alkestis*.

A revisão do livro (trabalho difícil, se pensarmos nas centenas de citações das notas) é exemplar. Só encontrei um erro na acentuação de *πανδοκεντρια* (pg. 114 n. 4), e outro na escrita da palavra *χαρακτήρ* (pg. 219 n. 5). As figuras de vasos pintados, que ilustram e elucidam o texto, foram bem escolhidas. O livro é de consulta indispensável para todos quantos — historiadores da literatura, da filosofia, das instituições, etc. — se ocupam da Atenas do século v antes de Cristo.

\*Coimbra, Dezembro de 1952.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO.

William Lameere, **Pour un recueil de fac-similés des principaux papyrus de l'Iliade et de l'Odyssee.** Extrait de *Scriptorium*, *International Review of Manuscript Studies*, *Revue Internationale des Études Relatives aux Manuscrits*, t. V (1951), fasc. 2, pág. 177-194.

A «Fondation Égyptologique Reine Elisabeth», de Bruxelas, cujos trabalhos são bem conhecidos, projecta editar uma colectânea de fac-similes dos principais papiros da *Iliada* e da *Odisseia*. A vantagem de uma publicação desse género para os helenistas de todo o mundo não precisa de ser encarecida. Mas os seus organizadores entenderam do seu dever explicar aos membros do VI Congresso Internacional de Papirologia, reunido em Paris, de 29 de Agosto a 4 de Setembro de 1949, os motivos do seu projecto e o plano a adoptar. Esta a origem da comunicação apresentada por William Lameere.

O A. começa por historiar o desenvolvimento da papirologia homérica, dando especial relevo aos trabalhos de Paul Collart. De passagem, faz referência à dis-

(1) A. W. Pickard-Cambridge, *Dithyramb, Tragedy and Comedy*. Oxford, 1927, pg. 271 e segs..